

## **Algumas considerações sobre Avaliação**

A avaliação tem sido entendida como o bode expiatório de todas as mazelas do ensino. Tem sido praticada, não raro, de forma improvisada, desarticulada, simplificada, até mesmo deseducativa, por produzir e reforçar comportamentos indesejáveis, como a cola, pelo aluno, e como instrumento de controle da disciplina, pelo professor.

A observação de que o aluno estuda para fazer prova constitui um equívoco pedagógico, equivalente àquele em que o professor organizasse suas provas para dar notas e enviá-las à Secretaria. Nesse enfoque, a avaliação passa a constituir fim em si mesma, para a qual convergem as atenções de pais e professores. A prática da avaliação como atividade centrada em fazer provas, testes, trabalhos, exercícios, com o objetivo de atribuir notas ou conceitos aos alunos, é, no mínimo, simplista, pois reduz a avaliação a verificar o que está certo ou errado, e nada mais. Evidencia o quanto o aluno aprendeu ou deixou de aprender, preocupação com a medida em si, concepção burocrática da avaliação que Paulo Freire chamou de educação cartorial.

A avaliação como manifestação de julgamento é parte integrante do aparato mental humano. Nós estamos avaliando, sob esse aspecto, a todo o momento, quando, interpretando os dados que nos chegam, emitimos sobre eles juízo de valor, sempre com base em nosso repertório conceitual. Também na escola isso acontece: a reunião foi cansativa; Fulano é um professor competente; aquele aluno é fraco, etc...

Esses julgamentos, normalmente, não passam de opiniões, emitidas a partir de impressões ligeiras e parciais, às vezes tendenciosas e incorretas.

Os parâmetros de avaliação adotados no processo de ensino-aprendizagem devem estar em paralelo com a exigência de sair-se bem na vida e na sociedade: iniciativa, criatividade, capacidade de resolver problemas, uso inteligente de informações diversificadas, comunicação eficaz, habilidade em trabalhar em grupo, visão crítica e prospectiva, ótica interativa e analítica, etc

Às vezes, dá-se ênfase exagerada aos aspectos burocráticos, caracterizando-se a avaliação como formalidade para inglês ver. Os registros são necessários, porém são decorrência e não o ponto focal da avaliação: deve-se ter em mente o significado daquilo que se registra e não o símbolo em si.

A prática da avaliação no contexto escolar deve ter caráter pedagógico, de modo que sirva de *feedback* para o professor e alunos, a respeito da aprendizagem.

A função nuclear da avaliação é ajudar o aluno a aprender e ao professor, ensinar, determinando também quanto e em que nível os objetivos estão sendo atingidos. (Perrenoud, 1999) Para isso, é necessário o uso de instrumentos e procedimentos de avaliação adequados.

O valor da avaliação encontra-se no fato de o aluno poder tomar conhecimento de seus avanços e dificuldades. Cabe ao professor desafiá-lo a superar as dificuldades e continuar progredindo na construção dos conhecimentos. (Luckesi, 1999)

A Avaliação ensina e no ensino se avalia.

A avaliação ensina quando é instrumento para correção dos erros. Já Pavlov, e depois Watson, Thorndike, Skinner, e mais recentemente Gagné, Luckesi, Hadji e Hoffmann, todos demonstraram, cada um à sua maneira, a importância de transformar o erro em oportunidade de aprendizagem.

Num processo pedagógico efetivo, ensino e avaliação associam-se a uma prática consciente e crítica do professor que envolve o aluno na construção do saber. Nessa integração de ensino e avaliação promove um processo estimulante de aprendizagem. A avaliação é, pois, uma etapa de um processo de aprendizagem, que implica em reforço, orientação e retificação da aprendizagem.

O sentido da avaliação é o de facilitar a transformação necessária para que a educação corresponda a um processo de qualidade, em que se destaca o desenvolvimento de competências. (1)

No caso da escola técnica, competência profissional pode ser descrita como "a capacidade de articular, acionar, mobilizar conhecimentos, habilidades, atitudes e valores para o desempenho eficiente e eficaz de atividades requeridas no exercício profissional" (Res. CNE/CEB 04/99).

A avaliação, nesse contexto, deve ser formativa. E a passagem da avaliação normativa, classificatória, para a avaliação formativa implica, necessariamente, numa modificação das práticas do professor, que deve tomar o aluno não só como ponto de partida, mas também como de chegada. Seu progresso só pode ser percebido quando comparado com ele mesmo: Como estava? Como está? As ações

desenvolvidas entre essas duas questões compõem a avaliação formativa.

Repetimos, com Perrenoud: A função principal da avaliação é ajudar o aluno a aprender e o professor, a ensinar.

E isso só se faz a partir da realidade apresentada, para a idealidade almejada. Se quero, atravessando a rua, chegar à calçada do lado de lá, tenho, inexoravelmente, que partir da calçada do lado de cá, onde me encontro.

Se a avaliação contribuir para o desenvolvimento das capacidades dos alunos, pode-se dizer que ela se converte em ferramenta pedagógica, em um elemento que melhora a aprendizagem do aluno e a qualidade do ensino.

Este é, para mim, o sentido definitivo de um processo de avaliação.

- (1) Competência e competição tem a mesma origem latina: *com+petere*, significando *buscar junto com, pedir junto com*; somente no latim tardio passou a prevalecer o sentido de *disputar junto com*.

#### **Referências Bibliográficas:**

HADJI,C. Avaliação desmistificada.Porto Alegre: Artes Médicas,2001

LIBÂNEO,J.C. Didática.15.ed.São Paulo:Cortez,1999

LUCK,H.Avaliação Educacional. *Revista Gestão em rede. Consed*. Brasília, nº 69, maio 2006.

LUCKESI,C.C.Avaliação da aprendizagem escolar.9.ed.São Paulo:Cortez,1999

PERRENOUD,P.Avaliação:da excelência à regulação das aprendizagens.Porto Alegre:Artmed,1999

SAVIANI,D.Saber escolar,currículo e didática. 3.ed. Campinas: Autores Associados,2000

Ferrari, junho/2008.